



Histórico de Uso e Ocupação da Floresta Atlântica em uma Unidade de Conservação no Sul do Brasil

Aline Votri Guislon ¹
Guilherme Alves Elias ²
Vanessa Matias Bernardo ³
Viviane Kraieski de Assunção ⁴
Robson dos Santos ⁵

RESUMO:

O objetivo deste estudo foi compreender o processo histórico de degradação do Parque Estadual da Serra Furada (PAESF), sul de Santa Catarina, antes de se tornar Unidade de Conservação Estadual em 1980. Foram realizadas entrevistas narrativas com antigos moradores locais. Os dados foram analisados por meio do método de análise de conteúdo. Os resultados apontaram que antes de sua implantação, houve no PAESF o corte seletivo da vegetação para obtenção de madeira, alimento ou para fins comerciais, assim como o desflorestamento parcial para a agricultura e pecuária. O uso das árvores visava principalmente à obtenção de madeira, sendo as canelas (Lauraceae) as mais citadas. As atividades de uso e degradação da floresta fizeram parte de um projeto de colonização das terras, relatado como oportunidade econômica e progresso. Atualmente, os entrevistados demonstraram compreender a importância do PAESF, revelando preocupação com os recursos naturais daquele lugar.

Palavras chave: Biodiversidade; Entrevista Narrativa; História da Floresta; Usos da Floresta.

¹ Doutorado em andamento em Ciências Ambientais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Brasil. vg_aline@hotmail.com

² Doutorado em Ciências Ambientais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Brasil. guilherme@unesc.net

³ Mestrado em andamento em Recursos Genéticos Vegetais pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil. vansmbernardo@gmail.com

⁴ Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil. Docente na Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Brasil. vka@unesc.net

⁵ Doutorado em Engenharia Mineral pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Docente na Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Brasil. rsa@unesc.net

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

A relação entre Floresta Atlântica e seres humanos data de cerca de 11 mil anos, tratando-se, inicialmente, da presença de sociedades de coletores-caçadores. Desde então, mesmo as florestas muito antigas, que resistiram a queimadas e derrubadas, podem ter sofrido algum grau de intervenção humana, seja por derrubada seletiva, extrativismo ou poluição do ar (Dean 2000). Nesse sentido, as paisagens naturais, principalmente as florestas, podem ser pensadas, também, como resultado da interação com seres humanos, ou seja, eco culturais, o que representa um desafio para os projetos de conservação (Nodari et al. 2016).

A presença de grupos indígenas no território brasileiro precede à chegada dos colonizadores europeus, que adquiriam da floresta seus meios de sobrevivência (Felipim & Queda 2005). No sul do Brasil, os índios Xokleng tinham, nas florestas que se localizavam entre o litoral e o planalto, o seu território de domínio e refúgio. Os homens fabricavam arcos, flechas, lanças e diversos outros artefatos necessários ao cotidiano. As mulheres teciam mantas com fibra de urtiga que serviam de agasalho nas noites de inverno; cuidavam das crianças; faziam pequenas panelas de barro e cestos de bambu para o acondicionamento de alimentos; preparavam animais para a alimentação; cuidavam do preparo da comida; colhiam, estocavam e maceravam o pinhão e com ele faziam um tipo de farinha; cozinhavam ou moqueavam peças de carne dos animais abatidos; preparavam bebidas fermentadas com mel e xaxim (Santos 1997, Dall’Alba 2003).

Já as populações humanas que se constituíram no período colonial, formadas por pequenos produtores, estavam baseadas no cultivo de alimentos como milho, arroz, feijão, café, abóbora, batatas (Carola 2010), além de outras atividades econômicas, desenvolvendo modos de vida particulares que demandavam um grande conhecimento dos ciclos biológicos e dos recursos naturais (Diegues 1996). Assim, as populações tradicionalmente rurais e que ainda hoje vivem na zona rural, podem trazer memórias importantes sobre o histórico de uso de um local onde viveram (Halbwachs 2006). Portanto, muito da composição, estrutura e funcionalidade das florestas conhecidas hoje, em especial da Floresta Atlântica, é resultado da interação com os seres humanos, havendo, portanto, a necessidade de se incluir o histórico da atividade humana como parte do enfoque ecológico nas investigações sobre florestas (Oliveira 2007, Bürgi et al. 2013, Oliveira & Solórzano 2014). Com isso, informações relevantes como o uso da terra podem, por exemplo, auxiliar na compreensão da composição florística e estrutural que uma floresta apresenta (Holz et al. 2009, Padgurschi et al. 2011, Bürgi et al. 2013, Chazdon 2016).

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

Antes do processo de colonização, Santa Catarina abrigava significativas áreas nativas de Floresta Atlântica, no entanto, no final do século XIX e início do XX, a ocupação das terras catarinenses por imigrantes europeus levou à modificação da paisagem natural, por meio do extrativismo vegetal e atividades agrícolas (Cabral & Cesco 2008, Souza & Zwierewicz 2009, Carola 2010, Nodari 2012). As florestas atraíram colonos e madeireiros para o uso e comércio de madeiras nobres, assim como para a obtenção de espaços para suas culturas de subsistência. Conforme afirmam Moretto et al. (2014), a primeira metade do século XX foi marcada pelo incentivo ao desmatamento no sul do Brasil. Dessa forma, como mencionado por Nodari (2012) em seu estudo sobre a região oeste de Santa Catarina, a paisagem foi sendo alterada pelo uso do machado, do fogo e da motosserra.

A forma como se deu a instalação dos colonos no Estado, com intensa exploração madeireira e desflorestamento para agricultura, afetou a biodiversidade natural das florestas. Restaram as maiores áreas conservadas principalmente em locais de topografia íngreme, formados pela Serra do Mar ao norte e pela Serra Geral ao centro e sul do Estado, que limitam o uso da terra pela agricultura extensiva (Colombo & Joly 2010, Sevegnani et al. 2013).

Entre as décadas de 1970 e 1980, o Pe. Dr. Raulino Reitz teve papel destacado para o cenário ambiental em Santa Catarina, onde além de realizar diversas pesquisas científicas, também integrou a Fundação do Meio Ambiente (FATMA), na qual suas ações deram origem a nove Unidades de Conservação (Guerra 2010, FATMA 2017), entre elas o Parque Estadual da Serra Furada (PAESF).

O PAESF, localizado no sul do Estado de Santa Catarina, protege integralmente um significativo remanescente de Floresta Atlântica situado nas encostas da Serra Geral. Por volta de 1890, iniciou a colonização na localidade de Chapadão, onde está localizada a sede do PAESF, com imigrantes poloneses vindos de outros núcleos da região sul catarinense (Selau 2009). Desde então, iniciaram as práticas de exploração de madeira nativa e agricultura, atividades de subsistência dos colonizadores. Por volta de 1970, iniciou-se na região o processo da cadeia produtiva do plantio comercial com eucaliptos e pinus e também da fumicultura (FATMA 2010).

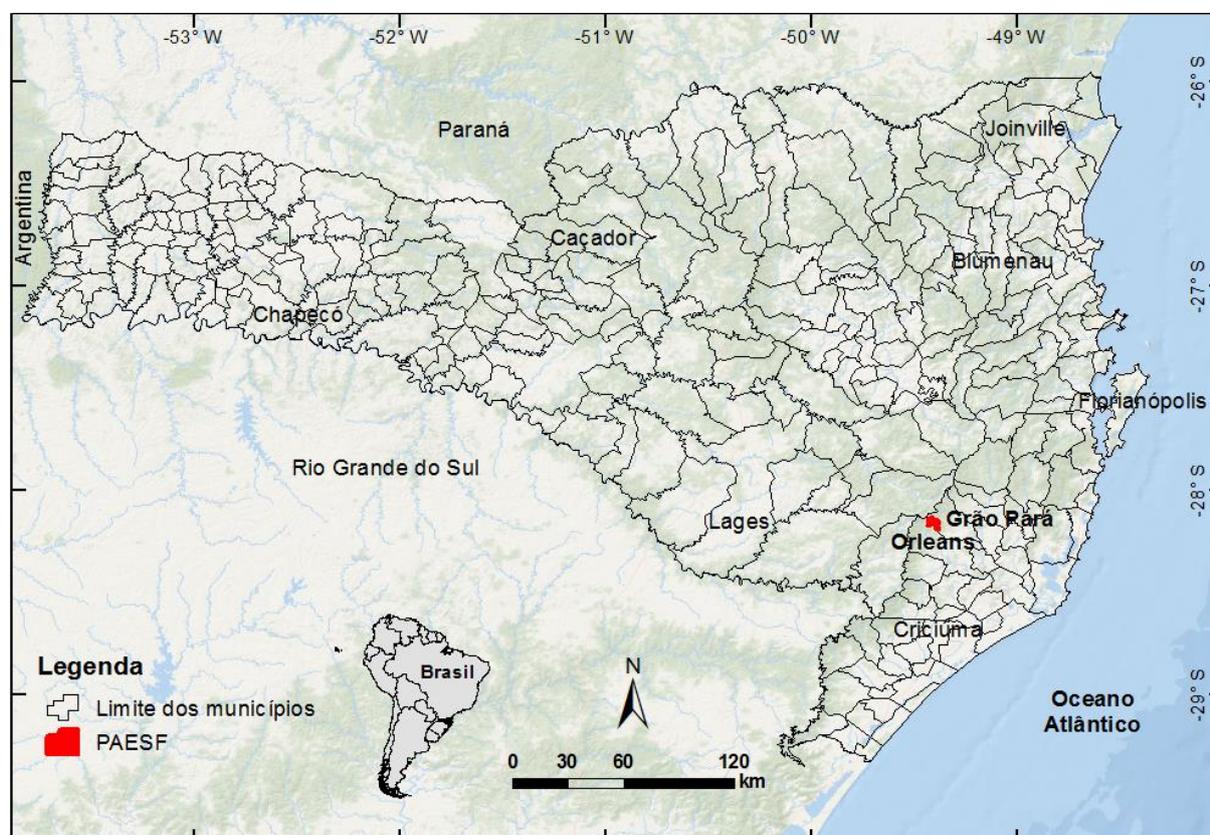
Apesar das atividades antrópicas pretéritas ocorridas no PAESF, seus remanescentes florestais estão preservados e utilizados para o desenvolvimento de pesquisas científicas acerca de sua biodiversidade (Cascaes et al. 2013, Padilha et al. 2015, Santos et al. 2016). Nesse sentido, este estudo teve como objetivo compreender o processo histórico de intervenção e degradação do Parque Estadual da Serra Furada, antes de se tornar Unidade de Conservação Estadual, por meio do conhecimento e das vivências de pessoas que tiveram contato com as florestas.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no entorno do Parque Estadual da Serra Furada (PAESF), localizado nos municípios de Orleans e Grão-Pará no sul do Estado de Santa Catarina (Figura 1). De acordo com a classificação de Koeppen, o clima na região é subtropical úmido, sem estação seca definida e com verões quentes (Cfa) ou com verões amenos (Cfb), dependendo da altitude (Alvares et al. 2013). A região recebe precipitação pluviométrica anual entre 1.220 e 1.660 mm de chuvas bem distribuídas (EPAGRI 2001).

A fitofisionomia do PAESF é caracterizada pela Floresta Ombrófila Densa Montana e Alto-Montana (IBGE 2012). No seu entorno imediato, a paisagem é composta por áreas de pastagens para o gado e florestamento de eucaliptos e pinus, no entanto, há também áreas de floresta conservadas, principalmente na porção Oeste onde faz divisa com o Parque Nacional de São Joaquim.

Figura 1. Localização do Parque Estadual da Serra Furada, sul de Santa Catarina, Brasil.



Fonte: Os autores.

Para o levantamento de dados sobre o histórico de uso e degradação das florestas, a população entrevistada foi formada por antigos moradores, descendentes da imigração polonesa e italiana, que viveram no interior ou nas proximidades do território que hoje constitui o PAESF. Consiste em uma

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

população rural, cujo modo de vida na região se configurou em torno da produção madeireira e da pecuária, aliadas à pequena produção familiar de subsistência (Dall’Alba 1986, Souza & Zwierewicz 2009).

No sentido de compreender o histórico de uso, ocupação e intervenções ambientais ocorridas no território do Parque, por meio do conhecimento e das vivências de pessoas que tiveram contato com as florestas, a pesquisa contemplou o conceito de memória, considerando-a em suas dimensões individual e coletiva (Halbwachs 2006). A memória é socialmente construída, de forma dinâmica, a partir das relações, dos valores e das experiências vivenciadas por membros de uma sociedade humana, que mantém o passado vivo na consciência de um grupo, podendo trazer múltiplas lembranças sobre determinado tema (Halbwachs 2006, Sá 2015).

A pesquisa assumiu caráter qualitativo, visto que sua finalidade não foi de quantificar, mas de explorar as opiniões e as representações sobre o assunto em questão, constituindo uma base de dados para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e o meio em que vivem (Bauer & Gaskell 2006). A seleção dos entrevistados contou inicialmente com o apoio da gestora do Parque, que indicou participantes que pudessem trazer informações e estes, por sua vez, indicaram outros que detinham conhecimento sobre o Parque. Essa prática constitui o método bola-de-neve (*snowball*) (Bailey 1994), utilizado para uma seleção intencional de informantes, quando a intenção é de explorar o conhecimento com os detentores do saber em particular de um assunto, os “especialistas locais”, indicados a partir de um contato inicial com a comunidade (Albuquerque et al. 2010).

Foram realizadas entrevistas narrativas, semiestruturadas, com oito participantes (Jovchelovich & Bauer 2002, Muylaert et al. 2014), direcionadas por um roteiro com pontos e temas-chave (Amorozo & Viertler 2010). Os temas do roteiro consistiam em saber quais atividades foram desenvolvidas no território do Parque, desde quando este era propriedade de antigos moradores, bem como as intervenções e usos de espécies de árvores nativas da floresta.

As árvores citadas, por seus nomes populares, pelos entrevistados para obtenção de madeira ou de alimento, tiveram seu nome científico inferido pelo levantamento florístico realizado no PAESF por Guislon et al. (2016) e consulta aos nomes populares citados em Reitz (1965-1989), Reitz et al. (1978) e Reis (1989-2013).

Durante as entrevistas, foi utilizada uma imagem aérea impressa do Parque, para auxiliar na identificação dos locais apontados pelos entrevistados. As conversas foram registradas com auxílio de

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

um gravador de voz, mediante autorização dos participantes, e, posteriormente, foram integralmente transcritas.

Todos que participaram da entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado na ocasião da entrevista, conforme a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil 2012), com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE: 56185716.7.0000.0119).

Os dados foram analisados por meio do método de análise de conteúdo, descrito por Gomes (2009), que adota os seguintes procedimentos: i) categorização: decompor o material a ser analisado em partes sobre o contexto da pesquisa; ii) inferência: distribuir as partes em categorias; iii) descrição: descrever o resultado da categorização; iv) interpretação: fazer inferências dos resultados; v) síntese: interpretar os resultados obtidos com auxílio da fundamentação teórica adotada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca pelo conhecimento sobre a Floresta Ombrófila Densa Montana, hoje protegida pelo PAESF, verificaram-se algumas trajetórias e diferentes usos do local.

A maioria dos entrevistados é descendente de imigrantes poloneses que colonizaram a região em busca de terras férteis para trabalhar com agricultura. A idade dos entrevistados variou de 42 a 85 anos. O mais jovem, com 42 anos, é filho de ex-proprietário de parte da área do PAESF, onde ali nasceu e morou até seus 19 anos. Os demais sujeitos da pesquisa são ex-proprietários ou vizinhos do local, que trouxeram lembranças desde a década de 1950, quando viveram sua infância naquele lugar, até os dias atuais, onde a maioria ainda mora no entorno do PAESF, na localidade denominada Chapadão. Quanto à profissão dos entrevistados, todos são agricultores. Alguns conciliam a agricultura com outras atividades, tais como a pecuária leiteira e a função de zelador do Parque.

Inicialmente, convém entender o processo de criação do PAESF. Nesse sentido, um fato importante mencionado pelos entrevistados mais antigos foi o incêndio de grandes proporções que ocorreu na encosta da Serra Geral no ano de 1951. Uma estiagem provocou problemas no abastecimento de água e também forneceu condições para que ocorresse a queimada nas escarpas da serra. O fogo iniciou com a queima dos campos dos Aparados da Serra (Estepe), no Rio Grande do Sul, e desceu para as encostas se alastrando de serra em serra até atingir a Serra do Corvo Branco, em Santa Catarina, durando cerca de dois meses (Dall'Alba 1986). Klein (1978) relata que a vegetação das

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

encostas dos Aparados da Serra Geral, sobretudo a chamada Floresta Nebular, teve sua maior parte destruída pelo fogo.

Um dos entrevistados relatou que vivenciou o incêndio quando na época morava em Três Barras, localidade próxima de Chapadão. Segundo ele, os moradores se reuniam para tentar impedir a propagação do fogo e a destruição de suas moradias, benfeitorias e plantações, conforme relato: *“reunimos a turma, eu era novato, então o meu serviço e de mais outros rapazes era carregar água para os trabalhadores tomarem”*, referindo-se à equipe que trabalhava na contenção do fogo. Outro entrevistado mencionou que tinha 19 anos na época do incêndio, e lembrou que era preciso cavar para tentar impedir que o fogo adentrasse a floresta, segundo suas palavras: *“tinha que cavar até no firme porque se não o fogo passava pela serapilheira, então nós cavava assim e ia uns quantos junto e abria a serra pra não queimar na mata”*. Em alguns locais não muito distantes do PAESF, ainda hoje se encontram vestígios do incêndio, conforme relato de um dos entrevistados: *“lá se encontra árvores, restos de árvores enormes, os tocos queimados, então ali provavelmente era uma floresta, o fogo veio e queimou tudo... aqui queimou menos porque como é virado pro sul sempre é mais úmido”*. Segundo essas informações, o fogo não atingiu a floresta que pertence ao PAESF, mas chegou próximo, como na localidade de Três Barras. De acordo com Dall’Alba (1986), durante o referido incêndio, os moradores se reuniam e faziam longos aceiros para impedir que o fogo se expandisse e incendiasse suas plantações, florestas, paióis e inclusive as serrarias, que já existiam na região naquela época.

Os relatos sobre o incêndio supracitado remetem à história da proteção das florestas na região do PAESF, onde, em 1956 uma área de 279 ha na localidade de Chapadão, em Orleans, foi adquirida pelo Estado para a formação de um Parque Florestal, como publicado na Lei nº 1464/1956 (Santa Catarina 1956). De acordo com alguns entrevistados, esse Parque tinha o objetivo de produzir mudas nativas da região para recuperar os locais atingidos pelo incêndio.

Na sequência, outro marco importante dessa trajetória foi em 1961, com a criação do Parque Nacional de São Joaquim pelo Decreto nº 50.922/1961 (Brasil 1961), incluindo áreas de Orleans e de Grão-Pará. Em 1978, o Estado decretou aqueles 279 hectares adquiridos para a formação do Parque Florestal, como Reserva Biológica do Aguai pelo Decreto nº 5165/1978 (Santa Catarina 1978), mas estudos posteriores, de 1979, detectaram 1.050 ha de terras devolutas contíguas a essa Reserva, que foram incorporadas à área e formaram o Parque Estadual da Serra Furada, por meio do Decreto nº 11.233/1980 (Santa Catarina 1980). As atividades de criação do PAESF foram projetadas pelo Pe. Dr. Raulino Reitz, que neste período atuava como diretor e pesquisador na FATMA (Guerra 2010).

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

Como detalhado acima, a maior parte do território que deu origem ao PAESF eram terras devolutas, pertencentes ao Estado, no entanto, uma parte da área, segundo os entrevistados, era propriedade particular de colonos que ali moravam e desenvolviam suas atividades de subsistência, baseadas na agricultura e na pecuária. De acordo com a descrição dos entrevistados que ali moraram, havia cultivo de arroz, milho, feijão, aipim e batata, entre outros, que serviam de fonte de alimento, simultaneamente desenvolvidas com a criação de gado bovino e suíno. Essas atividades foram realizadas mais precisamente nos arredores do local onde era a casa dos antigos proprietários, que se localizava na porção Sul do Parque, ao lado da atual sede.

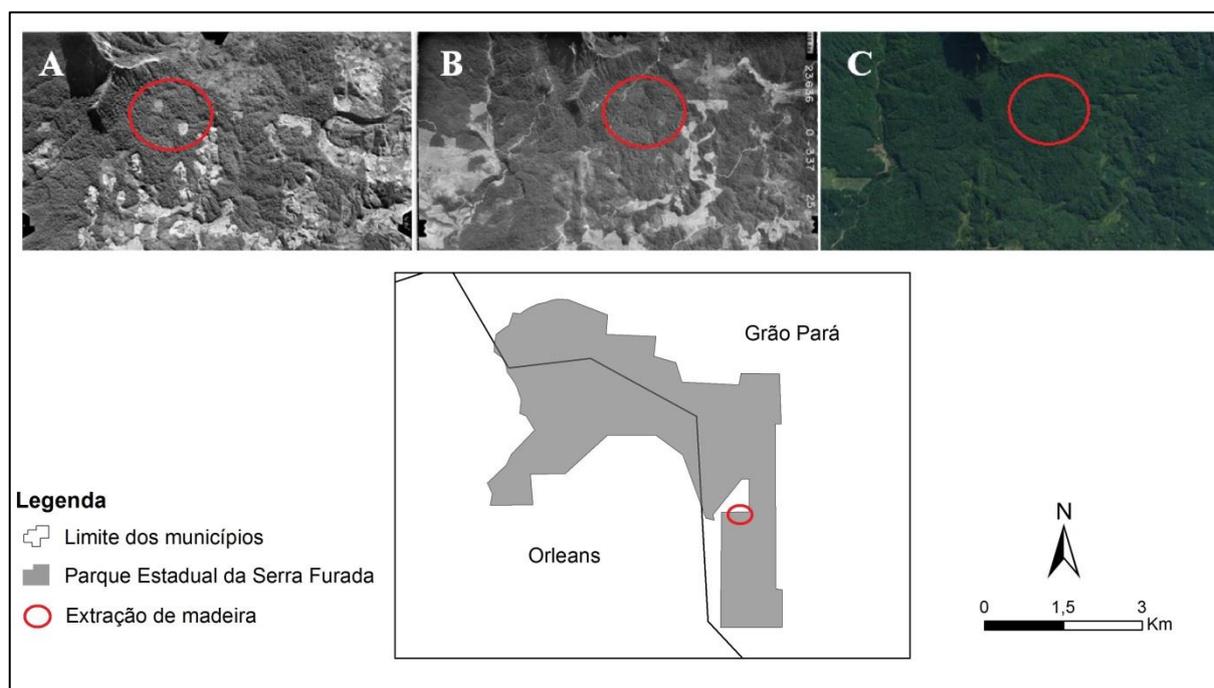
Nesse sentido, houve o desmatamento de florestas para a implantação das atividades de agricultura e pecuária, principalmente por meio do processo chamado de coivara, que consistia no corte raso, ou seja, derrubada de toda a vegetação nativa, seguida pela queima da área. Os entrevistados relataram que, durante este processo, algumas árvores eram comercializadas para as serrarias, assim obtinham em troca uma parte da madeira serrada para utilizar nas construções de suas propriedades. Naquele tempo, o trabalho de derrubada era realizado manualmente, por isso, o processo era lento e a maior parte da madeira derrubada apodrecia no local ou era queimada, por não terem meios de transportá-la, exceto algumas cargas com auxílio de carro-de-boi, um processo dificultoso devido às condições das estradas da época.

Outro fator responsável pelo desmatamento das florestas foi o corte de árvores realizado pelas serrarias que existiam nas proximidades do PAESF. Foi ressaltado nas entrevistas que uma delas funcionava dentro do PAESF, antes de sua efetiva implantação. No mapa de 1957 (Figura 2), é possível visualizar duas manchas sem vegetação em meio à floresta, onde, de acordo com os entrevistados, eram áreas de concentração de retirada de madeira dessas serrarias, locais escolhidos pela qualidade da madeira e pelo acesso, visto que o transporte naquela época era feito por meio de carro-de-boi. Mais tarde, por volta de 1980, quando as serrarias iniciaram a exploração com auxílio de caminhão e guincho, sistema de maior impacto, os entrevistados relataram que as áreas do PAESF já estavam protegidas, mas que, clandestinamente, havia retirada de algumas árvores. O corte ilegal ocorria nas divisas do PAESF, onde proprietários de serrarias localizadas nessas terras vizinhas tinham maior facilidade de remover as árvores com o uso de guinchos.

Dos processos mais intensos de degradação florestal do Parque, foram realizados os do tipo coivara, que visavam à “limpeza” do terreno para a agricultura, bem como o corte raso para obtenção de madeira pelas serrarias ou para implantação de pastagens para o gado bovino. Nestes dois casos,

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

Figura 2. Comparação cronológica dos locais de extração de madeira no Parque Estadual da Serra Furada e entorno, indicando, nos círculos vermelhos, a regressão das manchas desmatadas no interior da floresta. As letras diferenciam o ano em que cada imagem foi obtida: A = 1957, B = 1978 e C = 2016.



Fonte: Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – DNIT (A e B, modificado); Google Earth (C, modificado).

havia derrubada de toda a vegetação presente no local, sendo que no caso de coivara, após o abandono da área a vegetação retornava e deixava o solo em descanso por alguns anos (Siminski & Fantini 2007). Conforme Dall'Alba (1986), houve muitas serrarias nas localidades de Orleans e de Grão-Pará e seu entorno, com indícios por volta de 1880, sendo que as primeiras pertenciam a Empresa de Terras e Colonização. Outras serrarias surgiram anos depois, como as de Luís, Estêvão e Ângelo Mazon, em 1929, localizada em Brusque do Sul, a de Carlos Volpato, em 1948 e a de Ernesto Catâneo, em 1962, ambas localizadas no Rio Minador. Esse mesmo autor cita que, apesar da exploração das serrarias, ainda restaram muitas florestas, porém estas localizadas dentro do PAESF.

Outro tipo de exploração da floresta identificado na entrevista foi o corte seletivo de espécies, realizado com o intuito de obter madeiras específicas. Um dos entrevistados relatou que dentro do PAESF, nas áreas de floresta próximas da casa onde moravam, foram retiradas algumas das árvores mais grossas de que precisavam. Quanto ao uso para lenha, houve maior intensidade com a introdução da fomicultura na região, por volta de 1970, onde, no início, utilizavam madeira nativa para a

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

construção dos galpões e para a obtenção de lenha destinada à secagem do fumo. No entanto, esse tipo de cultivo não ocorreu dentro das áreas do PAESF.

Uma das espécies mais afetadas pelo corte seletivo foi o palmiteiro (*Enterpe edulis* Mart.). Sua extração visava tanto à obtenção do palmito para alimentação e venda, como à obtenção de madeira que servia de ripa, utilizada no cobrimento de casas e galpões. Quanto ao uso do palmito, alguns entrevistados relataram existir empresas fabricantes de conservas que compravam dos moradores da região. Dessa forma, tal prática incentivava a extração do palmiteiro pelos moradores locais, que viam uma fonte alternativa para complementar sua renda. Alguns entrevistados relataram haver extração ilegal do palmiteiro dentro do PAESF, mesmo após sua consolidação como Unidade de Conservação.

O palmiteiro teve grande importância econômica na história das comunidades rurais que vivem no domínio da Floresta Atlântica, porém, assim como relatado neste estudo, as formas de utilização mencionadas não permitiam a recomposição da espécie na floresta, o que resultou em grande diminuição de sua população em seu ambiente natural, colocando-a em ameaça de extinção (Esteves et al. 2016).

Quanto às árvores nativas utilizadas na época anterior à implantação do PAESF, foram citados pelos entrevistados alguns nomes populares de espécies das quais obtinham madeira ou alimento (Tabela 1). A maioria dos entrevistados citou as canelas, por sua abundância na região e pela dureza e resistência de sua madeira. Os nomes populares mencionados foram: canela-preta, canela-amarela, canela-sassafrás, canela-burra, canela-toiça, canela-veado e caneleira. O grupo das canelas, representado pelas espécies que pertencem à família Lauraceae, foi muito visado pelas serrarias, já que possuíam melhores recursos para serrar esse tipo de madeira rígida. Por outro lado, seu uso por pequenos proprietários não era tão almejado, tendo em vista a dificuldade de corte, como relata um dos entrevistados: “na época, por causa da dificuldade, eles tiravam as melhores, as madeiras mais fáceis para aproveitar, porque no começo mesmo era serrado até a braço, então era difícil, tinha certas madeiras que eram ruins de serrar, porque trancava a serra”.

Além das canelas, outras espécies foram citadas por possuírem também madeira dura e resistente, como peroba, cedro, tarumã, licurana, aguái, guarapari, almesca, garuva e matambu, usualmente empregadas na construção da parte externa de casas. As espécies citadas por apresentarem madeiras leve, geralmente utilizadas na parte interna de casas, na construção de forros, por exemplo, chamadas pelos entrevistados de “madeiras brancas”, foram: caxeteira, baguaçu, vassourão, mandioqueira, pindaiva, uvalha, palmiteiro e pau-óleo. Além disso, foi citado o uso das folhas da

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

Tabela 1. Árvores citadas pelos entrevistados por sua utilização para obtenção de madeira ou alimento, apresentadas por seus nomes populares e provável nome científico de espécies registradas no Parque Estadual da Serra Furada.

NOME POPULAR	USO	PROVÁVEL ESPÉCIE
aguaí	madeira	<i>Chrysophyllum viride</i> Mart. & Eichler
almesca	madeira	<i>Protium kleinii</i> Cuatrec.
bacupari	alimento	<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi <i>Eugenia bacopari</i> D.Legrand
baga-de-macaco	alimento	<i>Posoqueria latifolia</i> (Rudge) Schult.
baguaçu	madeira	<i>Magnolia ovata</i> (A.St.-Hil.) Spreng.
camboatá	madeira	<i>Matayba intermedia</i> Radlk. <i>Cupania vernalis</i> Cambess.
canela-amarela	madeira	<i>Nectandra oppositifolia</i> Nees <i>Ocotea aciphylla</i> (Nees & Mart.) Mez
canela-burra	madeira	<i>Ocotea nectandriifolia</i> Mez
canela-preta	madeira	<i>Ocotea catharinensis</i> Mez
canela-sassafrás	madeira	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer*
canela-toiça	madeira	<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F.Macbr.
canela-veado	madeira	<i>Ouratea parviflora</i> (A.DC.) Baill.
caneleira	madeira	Não encontrada espécie relacionada
canjerana	madeira	<i>Cabrlea canjerana</i> (Vell.) Mart.
carvalho	madeira	<i>Roupala montana</i> Aubl.
caxeteira, mandioqueira	madeira	<i>Schefflera angustissima</i> (Marchal) Frodin <i>Schefflera calva</i> (Cham.) Frodin & Fiaschi
cedro	madeira	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.
cinzeiro	madeira	<i>Hirtella bebeclada</i> Moric. ex DC.
cortiça	alimento	<i>Annona neosericea</i> H.Rainer <i>Annona rugulosa</i> (Schltdl.) H.Rainer <i>Guatteria australis</i> A.St.-Hil.
garuva	madeira	<i>Ocotea mandioccana</i> A.Quinet*
guacá	madeira	<i>Trichilia lepidota</i> Mart.
guaraparim	madeira	<i>Ouratea parviflora</i> (A.DC.) Baill.
ingá	alimento	<i>Inga marginata</i> Willd. <i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart. <i>Inga striata</i> Benth.
licurana	madeira	<i>Hieronyma alchorneoides</i> Allemão
louro	madeira	<i>Cordia silvestris</i> Fresen.
macuqueiro	madeira	<i>Bathysa australis</i> (A.St.-Hil.) K.Schum.
maria-mole	madeira	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz <i>Pisonia ambigua</i> Heimerl
mata-pau	madeira	<i>Coussapoa microcarpa</i> (Schott) Rizzini
palmitreiro	alimento, madeira	<i>Euterpe edulis</i> Mart.
pau-de-chumbo	madeira	Não encontrada espécie relacionada
pau-óleo	madeira	<i>Copaifera trapezifolia</i> Hayne
peroba	madeira	<i>Aspidosperma olivaceum</i> Müll.Arg.
pindaiva	madeira	<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.
pindavuna	madeira	<i>Duguetia lanceolata</i> A.St.-Hil.
tajuva	madeira	<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.DonexStued.*
tarumã	madeira	<i>Citharexylum myrianthum</i> Cham.* <i>Recordia reitzii</i> (Moldenke) Thode & O'Leary* <i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke
tucum	alimento	<i>Bactris setosa</i> Mart.
uvalha	madeira	<i>Eugenia pyriformis</i> Cambess.*
vassourão	madeira	<i>Vernonanthura discolor</i> (Spreng.) H.Rob. <i>Piptocarpha angustifolia</i> Dusén ex Malme

Fonte: Os autores. * Espécies não registradas no levantamento da vegetação.

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

palmeira *Geonoma gamiova* Barb.Rodr., popularmente chamada de palha pelos moradores, para a cobertura de casas e galpões antigos. Para produzir algumas ferramentas de trabalho, como cabos de enxada e carros-de-boi, foi citada a canela-veado, e para fazer cercas foram mencionadas as canelas e perobas, devido a sua resistência e durabilidade.

Quanto ao uso de outras partes das árvores nativas, como frutos ou sementes, foi citado apenas o consumo de alguns frutos como bacupari, baga-de-macaco, ingá, cortiça e tucum, porém, não faziam parte dos seus hábitos alimentares. Além disso, como já citado anteriormente, havia o consumo do palmito, que é proveniente do meristema apical do palmito. Sobre o aproveitamento comercial das árvores da floresta, foi relatada a venda de madeira para as serrarias, que, segundo os entrevistados, era uma forma de obter algum lucro em dinheiro ou em madeira serrada para uso em suas propriedades.

Os entrevistados mencionaram que quando os seus antecessores se instalaram na região, a madeira era um recurso abundante, aproveitado de diversas maneiras, principalmente para a construção de suas casas, galpões, móveis e cercas. Ressaltam, ainda, que o desflorestamento foi comum naquele tempo da colonização local em razão da falta de recursos disponíveis e por não haver conhecimento sobre a proibição por parte de políticas de proteção ambiental. Além disso, as terras provenientes das florestas nativas desmatadas facilitavam o plantio de suas culturas, devido à fertilidade do solo e à necessidade de poucos cuidados (Dean 2000). Esses resultados retratam a forma como se deu o desmatamento nos demais espaços do Estado de Santa Catarina, onde, de acordo com Carola (2010), a história da colonização está ligada à lógica do progresso e do crescimento econômico, no qual a natureza é reduzida a mera matéria-prima.

Desde a chegada dos primeiros habitantes colonos na localidade de Chapadão, com relatos no ano de 1890 (Selau 2009), a madeira nativa representava um dos poucos recursos que possuíam para suas construções e ferramentas de trabalho. Como já constatado por Reitz et al. (1978), desde a colonização europeia o Estado de Santa Catarina foi visto como potencial núcleo de exploração madeireira, originalmente contendo a maior parte de seu território coberta por densas florestas, que comportavam árvores fornecedoras de valiosas madeiras.

Dentro do PAESF, as áreas de floresta mais acessíveis pelos antigos moradores foram as mais afetadas pelo uso de subsistência, tanto para extração seletiva de árvores, como para o corte raso para a implantação de pastagem para o gado. As terras que os antigos moradores utilizavam para a agricultura extensiva ficavam em parte de sua propriedade não incluída no PAESF. Em relação às áreas com

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

histórico de intervenção por criação de gado bovino e por corte seletivo, trata-se de locais que se encontram em fases iniciais e intermediárias de regeneração natural, respectivamente. No entanto, com as informações obtidas na pesquisa, verificou-se que houve impacto também nas florestas conservadas do Parque, devido à extração seletiva de madeira de forma ilegal em locais próximos das instalações de antigas serrarias. Somente as áreas inacessíveis, situadas nas encostas íngremes, foram resguardadas da exploração madeireira e da agropecuária.

Quando questionados sobre o que pensavam sobre a criação do PAESF, alguns entrevistados relataram que inicialmente a adaptação foi difícil, pois estavam acostumados a desmatar, principalmente para obter madeira e terras novas para o plantio. No entanto, apontaram que foi importante para manter a vegetação, já que na maioria das propriedades particulares ela foi suprimida. Segundo as palavras de um dos entrevistados: *“Uma coisa que eu achei de muita vantagem foi proibir a caça! Proibir a caça e a madeira, porque se não nós já estava num deserto”*. Outro entrevistado relatou: *“No começo a gente estranhou porque o povo era acostumado a fazer derrubada e tratar da terra nova, e depois quando foi proibido o corte de madeira, daí foi procurar mais trabalhar com alguma máquina, tobata, máquina de arrancar e destocar terra”*. Nesse sentido, observou-se que as mudanças que ocorreram com a criação do PAESF e com as políticas de proteção das florestas nativas foram necessárias para diminuir o acelerado desmatamento que ocorria no local. Além disso, outro entrevistado demonstrou preocupação com as gerações futuras ao se referir ao PAESF: *“Isso ajuda a manter a fauna e a flora, e as nossas gerações ainda tem oportunidade pelo menos de conhecer alguma coisa e saber como era”*. Outro entrevistado relatou ainda a importância da vegetação para a preservação da água: *“Se você desmata tudo, seca as águas”*.

Atualmente, a população rural vem demonstrando preocupação com as florestas, como se verificou no presente estudo. Essa preocupação também já foi constatada em outros estudos, onde as populações rurais reconhecem a importância das florestas, principalmente no sentido de proporcionarem proteção da água e regularização de nascentes e rios (Muller 2013, Alarcon et al. 2016). Justen et al. (2012), em pesquisa realizada durante o Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina com agricultores que vivem no entorno de fragmentos florestais, mencionam que, para a maioria dos entrevistados, as florestas são importantes pela prestação de serviços ambientais, sendo ressaltados por eles os temas preservação da biodiversidade, saúde e proteção da água.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trouxe informações importantes sobre a forma de interação dos moradores rurais com o Parque Estadual da Serra Furada. Houve uma relação de uso da floresta vista como recurso de

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

subsistência e lucro, resultando em modificações da paisagem natural e influenciando, por exemplo, a composição das árvores da floresta.

Neste estudo, constatou-se que atualmente os entrevistados demonstraram compreender a importância da criação do PAESF, no sentido de evitar o desmatamento, de garantir a proteção das florestas para as gerações futuras e de proteger os recursos hídricos. Contudo, as informações obtidas por meio das entrevistas sobre o uso que se fazia das florestas, retrataram que o desmatamento era visto como oportunidade econômica, promovendo a criação de espaços para a agropecuária e a obtenção de madeira. Além disso, estas atividades fizeram parte do projeto de colonização e ocupação do espaço, da mesma forma como ocorreram em outros espaços de Santa Catarina e dos demais Estados do sul do Brasil.

A compreensão deste histórico torna-se importante também para repensar o contexto presente, quando novas configurações socioeconômicas, como o avanço das fronteiras agrícolas, continuam contribuindo para a vulnerabilidade da Floresta Atlântica em termos da conservação de sua biodiversidade (Palomo 2015).

REFERÊNCIAS

- Alarcon GG, Fantini AC, Salvador CH 2016. Benefícios locais da Mata Atlântica: Evidências de comunidades rurais do sul do Brasil. *Ambient. Soc.* 19(3):87-110.
- Albuquerque UP, Lucena RFP, Lins-Neto EMF 2010. Seleção dos participantes da pesquisa. In Albuquerque UP, Lucena RFP, Cunha LVFC (Org.), *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*, NUPPEA, Recife, p. 23-37.
- Alvares CA, Stape JL, Sentelhas PC, Gonçalves JLM, Sparovek G 2013. Köppen's climate classification map for Brazil. *Meteorol. Z.* 22(6):711-728.
- Amorozo MCM, Viertler RB 2010. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia. In Albuquerque UP, Lucena RFP, Cunha LVFC (Org.), *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*, NUPPEA, Recife, p. 67-82.
- Bailey K 1994. *Methods of social research*, The Free Press, New York.
- Bauer MW, Gaskell G 2006. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, Vozes, Petrópolis.
- Brasil [homepage on the Internet]. Brasília: Decreto No 50.922, de 06 de julho de 1961, [cited 2016 Dez 07]. Available from: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/DetalhaSigen.action?id=473489>

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

Brasil [homepage on the Internet]. Brasília: Conselho Nacional de Saúde. Resolução No 466, de 12 de dezembro de 2012, [cited 2016 Dez 12]. Available from: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

Bürgi M, Gimmi U, Stuber M 2013. Assessing traditional knowledge on forest uses to understand forest ecosystem dynamics. *For. Ecol. Manage.* 289:115-122.

Cabral DC, Cesco S 2008. Notas para uma história da exploração madeireira na Mata Atlântica do sudeste. *Ambient. Soc.* 11(1):33-48.

Carola CR 2010. Natureza admirada, natureza devastada: história e historiografia da colonização de Santa Catarina. *Varia hist.* 26(44):547-572.

Cascaes MF, Citadini-Zanette V, Harter-Marques B 2013. Reproductive phenology in a riparian rainforest in the south of Santa Catarina state, Brazil. *An. Acad. Bras. Ciênc.* 85:1449-1460.

Chazdon RL 2016. *Renascimento de florestas: regeneração na era do desmatamento*, Oficina de Textos, São Paulo.

Colombo AF, Joly CA 2010. Brazilian Atlantic Forest lato sensu: the most ancient Brazilian forest, and a biodiversity hotspot, is highly threatened by climate change. *Braz. J. Biol.* 70(3):697-708.

Dall'Alba JL 1986. *Colonos e mineiros no grande Orleans*, Instituto São José, Orleans.

Dall'Alba JL 2003. *Pioneiros nas terras dos condes*, Gráfica do Lelo, Orleans.

Dean W 2000. *A ferro e fogo: a história e a devastação da mata Atlântica brasileira*. Companhia de Letras, São Paulo.

Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes [homepage on the Internet]. Brasil: Atlas e Mapas [update 2013 Dez 04; cited 2016 Dez 07]. Available from: <http://www.dnit.gov.br/mapas-multimodais>

Diegues ACS 1996. *O mito moderno da natureza intocada*, Hucitec, São Paulo.

EPAGRI Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina 2001. *Dados e Informações Biofísicas da Unidade de Planejamento Regional Litoral Sul Catarinense: UPR 8*, EPAGRI, Florianópolis.

Esteves NS, Hoffmann-Horochovski MT, Camargo A 2016. Jiçara: frutos de resiliência em Guaraqueçaba (PR). *Fronteiras* 5(3):39-53.

FATMA Fundação do Meio Ambiente 2010. *Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra Furada: Plano Básico: Projeto de Proteção da Mata Atlântica em Santa Catarina (PPMA-SC)*. Socioambiental Consultores Associados, Florianópolis.

FATMA Fundação do Meio Ambiente [homepage on the internet]. A vida. [cited 2017 Fev. 16] Available from: <http://www.fatma.sc.gov.br/conteudo/a-vida>

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

Felipim AP, Queda O 2005. O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso. *Interciencia* 30(3):143-150.

Gomes R 2009. Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa. In Minayo MCS (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, Vozes, Petrópolis, p. 79-108.

Google Earth. Pro. 2017. [cited 2017 Jan 22]. Available from: <https://www.google.com.br/earth/download/gcp/agree.html>

Guerra RF 2010. Padre Raulino Reitz e as ciências naturais no Brasil. *R. Ci. Hum.* 44(1):9-67.

Guislon AV, Pasetto MR, Santos R, Padilha PT, Souza JC, Pacheco D, Elias GA 2016. As árvores. In Santos R, Citadini-Zanette V, Elias GA, Padilha PT (Org.), *Biodiversidade em Santa Catarina: Parque Estadual da Serra Furada*, Ediunes, Criciúma, p. 121-146.

Halbwachs M 2006. *A memória coletiva*, Centauro, São Paulo.

Holz S, Placci G, Quintana RD 2009. Effects of history of use on secondary forest regeneration in the Upper Parana Atlantic Forest (Misiones, Argentina). *For. Ecol. Manage.* 258(7):1629-1642.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2012. *Manual Técnico da Vegetação Brasileira*, IBGE, Rio de Janeiro.

Jovchelovich S, Bauer MW 2002. Entrevista Narrativa. In Bauer MW, Gaskell G (Org.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, Vozes, Petrópolis, p. 90-113.

Justen JGK, Muller JJV, Toresan L 2012. Levantamento Socioambiental. In Vibrans AC, Sevegnani L, Gasper AL, Lingner DV (Ed.), *Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina. Diversidade e Conservação dos Remanescentes Florestais*, Edifurb, Blumenau, p. 243-259.

Klein RM 1978. Mapa fitogeográfico do estado de Santa Catarina. In Reitz R (Ed.), *Flora Ilustrada Catarinense*, Herbário Barbosa Rodrigues, Itajaí, p. 1-24.

Moretto SP, Nodari ES, Nodari RO 2014. A Introdução e os Usos da Feijoa ou Goiabeira Serrana (*Acca sellowiana*): A perspectiva da história ambiental. *Fronteiras* 3(2):67-79.

Muller JJV 2013. Como os moradores da zona rural usam e percebem a floresta. In Sevegnani L, Schroeder E (Org.), *Biodiversidade catarinense: características, potencialidades, ameaças*, Edifurb, Blumenau, p. 230-231.

Muylaert CJ, Sarubbi JV, Gallo PR, Rolim Neto ML, Reis AOA 2014. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Rev. Esc. Enferm. USP* 48(2):193-199.

Nodari ES 2012. “Mata Branca”: o uso do machado, do fogo e da motosserra na alteração da paisagem em Santa Catarina. In Nodari ES, Klug J (Org.), *História ambiental e migrações*, Oikos, São Leopoldo, p. 35-53.

Nodari RO, Nodari ES, Franco JLA 2016. Uso e conservação da biodiversidade: as duas faces da moeda. *Fronteiras* 5(3):11-16.

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

- Oliveira RR 2007. Mata Atlântica, paleoterritórios e história ambiental. *Ambient. Soc.* 10(2):11-23.
- Oliveira RR, Solórzano A 2014. Três Hipóteses Ligadas à Dimensão Humana da Biodiversidade da Mata Atlântica. *Fronteiras* 3(2):80- 95.
- Padgurschi MCG, Pereira LS, Tamashiro JY, JOLY CA 2011. Composição e similaridade florística entre duas áreas de Floresta Atlântica Montana, São Paulo, Brasil. *Biota Neotrop.* 11(2):139-152.
- Padilha PT, Santos-Junior R, Custódio SZ, Oliveira LC, Santos R, Citadini-Zanette V 2015. Comunidade epifítica vascular do Parque Estadual da Serra Furada, sul de Santa Catarina, Brasil. *Ciênc. Nat.* 37(1):64-78.
- Palomo KGS 2015. Vulnerabilidade da Mata Atlântica no Sul da Bahia frente à expansão da fronteira econômica. *Fronteiras* 4(2):70- 82.
- Reis A 1989-2013. *Flora Ilustrada Catarinense*, Herbário Barbosa Rodrigues, Itajaí.
- Reitz R 1965-1989. *Flora Ilustrada Catarinense*, Herbário Barbosa Rodrigues, Itajaí.
- Reitz R, Klein RM, Reis A 1978. *Projeto madeira de Santa Catarina*, Herbário Barbosa Rodrigues, Itajaí.
- Sá CP 2015. Entre a história e a memória: o estudo psicossocial das memórias históricas. *Cad. Pesqui.* 45(156):260-274.
- Santa Catarina [homepage on the internet]. Florianópolis: Lei No 1.464, de 28 de abril de 1956: Declara de utilidade pública uma área de terra no município de Orleans. [update 1956 Abr 28; cited 2016 Dez 14]. Available from: <http://www.leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-1464-1956-santa-catarina-declara-de-utilidade-publica-uma-area-de-terra-no-municipio-de-orleaes>
- Santa Catarina [homepage on the internet]. Florianópolis: Decreto No 5.165, de 21 de junho de 1978: Cria a Reserva Biológica do Aguaí, no Município de Orleans. [update 1978 Jun 21; cited 2016 Dez 06]. Available from: <http://www.pge.sc.gov.br/index.php/legislacao-estadual-pge>
- Santa Catarina [homepage on the internet]. Florianópolis: Decreto No 11.233, de 20 de junho de 1980, [cited 2016 Dez 06]. Available from: http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Decretos/1980/dec_11233_1980_parqueestadualserrafurada_sc_revq_dec_5165_1978.pdf
- Santos R, Citadini-Zanette V, Elias GA, Padilha PT 2016. *Biodiversidade em Santa Catarina: Parque Estadual da Serra Furada*, Ediunesc, Criciúma.
- Santos SC 1997. *Os índios Xokleng: memória visual*, UFSC, Florianópolis.
- Selau MS 2009. A colônia de Grão Pará e a origem da comunidade polonesa do Chapadão. In Souza CO, Zwierewicz M (Coord.), *Da 'Polska' à terra prometida: o legado polonês em Santa Catarina e um tributo à comunidade do Chapadão*, Orleans, Insular, Florianópolis, p. 119-133.
- Sevegnani L, Laps RR, Schroeder E, Gasparim M, Rosa RA, Oliveira T 2013. Ameaças à biodiversidade. In Sevegnani L, Schroeder E (Org.), *Biodiversidade catarinense: características, potencialidades, ameaças*, Edifurb, Blumenau, p. 197-222.

Aline Votri Guislon; Guilherme Alves Elias; Vanessa Matias Bernardo; Viviane Kraieski de Assunção; Robson dos Santos

Siminski A, Fantini AC 2007. Roça-de-toco: uso de recursos florestais e dinâmica da paisagem rural no litoral de Santa Catarina. *Cienc. Rural* 37(3):690-696.

Souza CO, Zwierewicz M 2009. *Da Polska à terra prometida: o legado polonês em Santa Catarina e um tributo à comunidade do Chapadão*, Orleans, Insular, Florianópolis.

History of Use and Occupation of the Atlantic Rainforest in a Conservation Unit in Southern Brazil

ABSTRACT:

This study aimed to comprehend the historical process of degradation of the Parque Estadual da Serra Furada (PAESF), Southern Santa Catarina, before becoming a State Conservation Unit. A Qualitative Research was carried out with former residents of the PAESF and its surroundings. Data were analyzed using the content analysis method. There were reports of vegetation cutting to obtain wood, food or commercial purposes, as well as deforestation for implantation of agriculture and livestock. The use of trees occurred, mostly, to obtain wood, being the “canela” (popular name of Lauraceae) the most cited plant. Forest use and degradation activities were part of a land colonization project, reported as economic opportunity and progress. Currently, the interviewees demonstrated the importance of the creation of PAESF, to ensure the protection of the natural resources of the forest.

Keywords: Biodiversity; Forest History; Forest Uses; Narrative Interview.

Submissão: 10/04/2017
Aceite: 08/08/2017